



noolhar

fórum

populares

últimas

webmail

**O POVO**
O povo é que diz. Jornal é O POVO.

Publicidade

O CANAL DE NOTÍCIAS EM TEMPO REAL.

O POVO

Páginas Azuis

Fortaleza, 17 de Novembro de 2005

Capa
 Brasil
 Buchicho
 Ceará
 Charge
 Colunas
 Cotidiano
 Economia
 Esportes
 Há 75 Anos
 Mundo
 Opinião
 Política
 Vida & Arte
 Aprendendo
 com O POVO
 Ciência & Saúde
 Clubinho
 Edições Anteriores
 Edições Históricas
 O POVO
 Especiais
 Guia Vida & Arte
 Jornal do Leitor
 Ombudsman
 Papel de Parede
 Para ler O POVO
 People
 Páginas Azuis
 Veículos
 Viagem & Lazer

canais noolhar

Cenaceara
 Colunas
 Culinária
 Diversão e Arte
 Esoterismo
 Esportes
 Festival Vida&Arte
 Horóscopo
 Humor
 Multimídia
 Para ler O Povo
 Referendo 2005
 Tecnologia
 Universitário
 Últimas

serviços

Edições O POVO
 Enquetes
 Fórum
 Pesquisa
 Populares
 Webmail

ouça

AM do Povo CBN
 Calypso FM
 Mix FM

veja também

MARCELO NERI

Pobre precisa é de oportunidade

No Brasil, políticas contra a desigualdade são importantes aliadas no combate à pobreza na opinião do pesquisador e professor da FGV, Marcelo Neri. Acrescenta que atuar na pré-escola, dando incentivos, pode ser mais interessante do que o Bolsa Família como está

**Artumira Dutra
da Redação**

[12 Setembro 03h46min 2005]

Para o pesquisador e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, a desigualdade e a diversidade são marcas do Brasil. "Um País surpreendente, apaixonante, uma montanha-russa que reserva emoções fortes". Considera que quem ama o Brasil gosta destas características.



(Foto: Lia de Paula)

Com destacada atuação nas áreas de avaliação de programas sociais, mensuração de pobreza e desigualdade, economia do trabalho e microeconomia, o PhD em economia diz que o combate às desigualdades é a agenda de agora. Para ele, o aumento de pobreza que houve no primeiro ano no governo Lula deve ser revertido no segundo e no terceiro ano, sendo mais do que compensado, por conta da combinação de crescimento com queda da desigualdade. Explica que a redução da desigualdade registrada em 2003 pode parecer até pequena, mas teve um papel fundamental para que a pobreza caísse num primeiro momento".

Marcelo Neri diz que o Brasil não é recordista mundial em desigualdade mas está no pódio há 40 anos. O pesquisador acha que da mesma forma que domamos a inflação vamos resolver o problema da desigualdade. Só que vai demorar. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. "Eu posso estar sendo otimista mas eu acho que esse processo está finalmente entrando em marcha", afirma. Na opinião dele a área social não deve estar nem acima nem abaixo da área econômica. Deve estar num mesmo nível, com igualdade de tratamento.

Nesta entrevista concedida ao **O POVO**, Neri comenta sobre os estudos **Sexo, Casamento e Economia, Mapa da Exclusão Digital**, cotas para negros nas universidades e ainda sobre carga tributária, a crise atual, crescimento econômico e a futura geração de programas sociais.

O POVO - Qual o ponto que mais chamou atenção no seu mais recente estudo "Sexo, Casamento e Economia"?

Marcelo Neri - Na verdade foram dois pontos. De um lado as mulheres sozinhas ganham mais do que as mulheres casadas. Implicação econômica talvez da opção conjugal ou da não opção conjugal e da própria ascensão feminina no mercado de trabalho ocorrida nas últimas décadas. Pode até ganhar o título de revolução feminina. No sentido não tóxico mas secular. Acho que a mulher revolucionou o mercado de trabalho. Mas as mulheres sozinhas, elas ganham individualmente 62% a mais de renda do que as mulheres casadas. Esse é um fato que chamou especialmente atenção.

Calypso FM
ClickLab
Edições Demócrito
Rocha
Fundação
Demócrito Rocha
Mix FM

OP - E o outro ponto que o senhor destaca?

Marcelo Neri - É um ponto até meio triste talvez mais para os homens, embora seja triste para ambos. É o captado numa frase: solidão é senhora. O que acontece: os homens são mais sozinhos quando são jovens; as mulheres são mais sozinhas na fase mais madura. Por que acontece isso? As mulheres vivem mais que os homens. Antes disso, as mulheres casam com homens mais velhos. Ainda hoje 74% dos casamentos são de homens mais velhos que mulheres, 6% iguais, 19% das mulheres mais velhas que os homens. Então as mulheres ficam sozinhas na fase mais idosa porque elas casam com homens mais velhos e os homens morrem antes que as mulheres, em geral. Então eu diria que as mulheres sozinhas estão melhor economicamente que as casadas e a solidão é senhora. Acho que são os dois pontos que mais chamaram atenção na pesquisa.

OP - O senhor escreveu que se tamanho econômico e inércia na promoção de reformas valerem ao Brasil o apelido de país-baleia, no campo da desigualdade seríamos uma baleia enalhada. O senhor também disse que as últimas edições da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam uma redução da desigualdade. Tem alguma novidade nesse área?

Marcelo Neri - A gente fez um exercício mais recente que mostra que essa redução de desigualdade é coisa generalizada para qualquer tipo de medida de desigualdade. O que a gente observa é que se essa queda da desigualdade continuar acontecendo ela tem um efeito três vezes e meia maior sobre a pobreza do que o crescimento econômico que a gente observou no passado de 5%, que era um crescimento que o País não tinha há 15 anos. Eu diria que é um dado importante. Passou um pouco despercebido, pois seguindo a receita culinária do Delfim (Netto, ex-ministro da Fazenda) o bolo foi melhor distribuído mas encolheu. Acho que na edição da PNAD que vai sair, nos próximos meses, veremos um bolo melhor distribuído e com mais fermento nas classes mais pobres. Essa é a expectativa. São as projeções do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

OP - O senhor acredita numa reversão dos dados sobre pobreza?

Marcelo Neri - O aumento de pobreza que houve no primeiro ano no governo Lula deve ser revertido no segundo e no terceiro ano, mais do que compensado por conta dessa combinação de crescimento com queda da desigualdade. A distribuição de renda *per capita* de 2003 é mais igualitária que a de 2001. Pode parecer até pequena a redução mas teve um papel fundamental para que a pobreza caísse num primeiro momento e que não aumentasse durante o ano de 2003 que foi um ano difícil, de ajustes da economia, seqüelas da crise de 2002, do ataque especulativo, da desconfiança econômica em relação ao governo Lula que foi revertida.

OP - Depois da queda da inflação qual o próximo passo?

Marcelo Neri - Depois da inflação inercial no Brasil que foi vencida com o Plano Real agora a gente tem que vencer a iniquidade inercial. Começa agora a dar esse sinal de queda. Não somos os recordistas mundiais da desigualdade mas estamos no pódio há 40 anos.

OP - O senhor acha que da mesma forma que domamos a inflação estamos no caminho para resolver a chaga da desigualdade social?

Marcelo Neri - Só que vai demorar mais tempo. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. Posso estar sendo otimista mas acho que esse processo está finalmente entrando em marcha.

OP - O senhor diz que a causa fundamental da miséria brasileira é a má distribuição de renda e aí reside parte essencial de sua solução. Essa solução deve ser trabalhada através de programas sociais. Como o senhor vê essa questão?

Marcelo Neri - Acho que distribuição, transferência de renda como o Bolsa Família faz pode desempenhar um papel principal no curto prazo e coadjuvante no longo prazo, principalmente porque se quer alguma velocidade no processo. Agora, acho que o aspecto fundamental a ser atacado é a má distribuição de ativos produtivos.

Mais do que caridade, feita por boas razões por parte do Estado, os pobres precisam é de oportunidade. Oportunidade representada pela posse, utilização e retorno de ativos produtivos. É preciso pensar no capital dos pobres. O que quero dizer é educação, pequenos negócios, infra-estrutura, saneamento, enfim, um portfólio de ativos que permita ao pobre caminhar com as suas próprias pernas, gerar sua própria renda.

OP - O Brasil já passou por outros momentos iguais a esse?

Marcelo Neri - Acho que na história brasileira, nos últimos 20, 30 anos, teve algum momento que a renda foi transferida para os pobres. O cruzado é um exemplo disso. Só que foi uma transferência fugaz. O que a gente nunca teve no Brasil é um processo consistente de transferência de riqueza, de renda para os pobres. Acho que essa é uma agenda que nunca foi achada no Brasil, pois nunca foi buscada. Receber renda do Estado é importante mas gerar renda é o que no longo prazo vai informar se o Brasil foi ou não bem sucedido na sua luta contra a pobreza e a desigualdade.

OP - O senhor defende programas como o Fome Zero no combate à miséria? Em que o Fome Zero avançou?

Marcelo Neri - Apesar da gente ter até gerado em 2001 um estudo chamado **Mapa do Fim da Fome**, antes do Fome Zero, sou um crítico de primeira hora do Fome Zero. Apesar do governo ter criado o Bolsa Família ainda hoje se dá muita ênfase ao Fome Zero. Acho que é uma ênfase que o programa não merece. Acho que o Bolsa Família apesar de necessitar de vários aprimoramentos é um bom ponto de partida. É um programa que tem uma boa concepção. Acho que o desafio é como criar o Bolsa Família 2.0, a versão 3.0, com nova geração de políticas sociais. O Bolsa Família desempenha um papel importante nesse processo. Acho que o grande eixo condutor das políticas de transferência de renda do Governo federal chama-se Bolsa Família. Acho que o Fome Zero deveria ser abandonado porque virou um **slogan** e nem é bom porque não é um **slogan** original. Existia Tolerância Zero, em Nova Iorque. Fome Zero é uma bandeira meio internacional e acho que embute nas pessoas uma idéia de meta, de que você vai eliminar a miséria. No meu entender o Fome Zero é um programa mal concebido, mal implementado e deveria ser esquecido.

OP - O senhor defende subsídios no combate à desigualdade?

Marcelo Neri - Tem dois focos de avanço para programas sociais em geral e o Bolsa Família, em particular. Um é a questão de focalização que se tornou tabu no Brasil. Focalização é uma palavra grande mas não é palavrão. A idéia de que é preciso atender primeiro os mais pobres acho uma idéia que faz todo o sentido. É muito importante. E o segundo é você pensar nos incentivos. O que eu acho que é **in** (está em alta) e **out** (em desuso) na política social. **Out** é ineficiência, inflação, iniquidade. Coisas **in** são: informação, incentivos e infância. O Bolsa Família dá incentivos, informação através de um bom cadastro e acho que essa idéia de focar na infância é importante. É onde a pobreza é mais séria no presente no Brasil, e em outros países também, e onde você vai conseguir transformar de uma maneira mais intensa, vai ter o maior retorno social das políticas sociais.

OP - O senhor vê algum problema no Bolsa Família?

Marcelo Neri - O problema do Bolsa Família é que talvez ele possa estar chovendo no molhado. Ele está dando incentivo às crianças de sete a 15 anos que freqüentam a escola. É um segmento bom, mas as crianças já estão na escola. É um bom programa no melhor dos casos de transferência de renda mas não um bom programa educacional. Acho que dar atenção à pré-escola, às crianças de zero a seis anos de idade, e criar uma contrapartida para que a mãe não só vacine a criança mas ponha o filho na pré-escola são uma direção interessante que tem uma literatura recente. Estudos têm mostrado que essa é a direção mais importante de melhorias nas políticas educacionais.

OP - O senhor acrescentaria mais algum ponto?

Marcelo Neri - Outra direção importante é a melhora na qualidade da educação. O problema do Brasil não é a freqüência, o estar matriculado na escola. Freqüentar a escola é importante mas diria que além disso, e que capta o efeito dessas duas coisas, é a qualidade da educação. No Brasil, a qualidade é baixa e cadente. Acho

que usar incentivos para que a criança melhore o seu desempenho num esquema tipo Bolsa Família pode ser interessante. Outro ponto de incentivo seria estender o Bolsa Família para a população acima de 16 anos ou mais, substituindo iniciativas como a do Programa Primeiro Emprego. Em suma, acho que o princípio do Bolsa Família é interessante. Acho que atuar na pré-escola, dando incentivos, pode ser mais interessante do que o Bolsa Família como está, melhorar a qualidade para as pessoas que estão na faixa dos sete aos 15 anos de incentivo escolar, cobrar não só quantidade mas qualidade de educação, criar incentivos para isso. E na fase posterior de atuação do Bolsa Família criar não incentivo ao primeiro emprego mas, através de uma segunda Bolsa família, que melhoraria os baixos níveis educacionais observados em todas as partes do Brasil.

OP - Em uma de suas pesquisas o senhor encontrou um Brasil de 170 milhões de habitantes com 50 milhões vivendo em condições precárias, com renda inferior a R\$ 80 mensais. Esse quadro evoluiu?

Marcelo Neri - Essa pesquisa foi lançada em 2001 e refletia dados até 1999. Se a gente olhar a evolução de lá para cá, o primeiro ponto que passou também despercebido é que o segundo melhor ano da série de pobreza no Brasil foi 2002, que era até um momento de crise. Mas os dados mostram que a pobreza caiu 2,5% em 2002, cresceu em 2003, acho que vai cair fortemente em 2004. É preciso lembrar que não é de 2001 para cá e que a gente viveu primeiro a crise argentina, racionamento de energia, ataques terroristas de 11 de setembro que provocaram desaceleração, crise das eleições de 2002 e depois um momento mais favorável internacional e nacionalmente. Mas esse momento inicial teve uma forte crise e a pobreza não aumentou no Brasil, principalmente a pobreza rural. Ela só cresceu em 2003. Mas acho que, dadas as proporções das crises macroeconômicas, reflete o fato de que o Estado está mais atuante e está oferecendo colchões sociais amortecendo os efeitos da crise sobre os mais necessitados. Falta agora desenhar trampolins que permitam a ascensão social deste grupo.

OP - O senhor defende alguma mudança de rumo no debate atual?

Marcelo Neri - Acho que a discussão agora está numa outra pergunta: como fazer? Acho que essa é a pergunta interessante: qual a próxima geração de políticas sociais do Brasil? Isso é, obviamente, uma discussão aberta para debate. Mas acho que é o que a área social deveria estar mais interessada em discutir. Não é discutir quem ajudar. Já sabemos qual o perfil da miséria no Brasil. Acho que até era importante que o governo brasileiro adotasse de uma vez por todas uma linha oficial de miséria para ajudar a convergir o debate. Acho que é até importante ele optar por uma linha para que se passe de uma vez por todas para esse segundo passo que é: como fazer?

OP - E a questão da inclusão digital?

Marcelo Neri - Essa é outra agenda importante. Publicamos o estudo **Mapa da Exclusão Digital**. Acho que a inclusão digital é onde reside parte do futuro das políticas sociais de caráter mais estrutural. Acho que países como a Índia e a Irlanda estão caminhando bem nessa área tanto no sentido econômico quanto social, estão conseguindo fazer fortes progressos. O Brasil acho que está um pouco defasado. Você tem algumas experiências brasileiras que estão sendo exportadas para outros países como a ação do Comitê para a Democratização da Informática (CDI). Então, o Brasil está em busca só que essas políticas não são generalizadas.

OP - O senhor também considera que a carga tributária brasileira é alta demais?

Marcelo Neri - Tem uma colega minha que representou bem o nome do Estado brasileiro. O papel do Estado brasileiro é uma mistura de carga tributária de uma Inglaterra com a qualidade dos gastos sociais de um país pobre como Gana. É o Ingana. Taxa como um país rico e gasta como um país pobre. O Brasil hoje tem uma carga tributária de 36% do PIB que é um nível muito alto para o nível de desenvolvimento do País. Temos um volume de gastos sociais até bem razoável mas de baixa qualidade. Primeiro você arrecada 36% do PIB, apesar da alta informalidade existente. Se cada pessoa, física ou jurídica, pagasse os impostos que estão na lei a carga tributária seria muito maior que isso. Então a informalidade virou um pouco um esporte nacional, até por questão de sobrevivência, por falta de bom senso por parte do Estado que tem um apetite muito grande. E por outro lado

os gastos sociais são de quantidade relativamente alta e de qualidade bastante baixa porque não chegam aos pobres ou quando chegam não transformam a vida dos pobres. Então acho que não é quanto mais Estado melhor é quanto melhor a atuação do Estado melhor. Acho que no Brasil a gente viveu um momento de crescer a parte de arrecadação tributária sem uma conseqüente melhora na qualidade, na efetividade dos gastos sociais. Acho que essa é uma outra agenda a ser perseguida. A sociedade brasileira está dando um basta no aumento da carga tributária observada nos últimos 10 anos.

OP - Em 2005 o senhor divulgou um estudo sobre a população universitária do Brasil o qual detectava que nesse período o número de estudantes negros no nível superior cresceu 55,1%, os pardos 14,9% e os brancos 10,4%. Diante desse estudo o senhor é favor ou contra a adoção de cotas para negros nas universidades?

Marcelo Neri - Acho que esse é um tema polêmico. Esses dados mostram que na verdade já estava acontecendo, enquanto a gente estava discutindo cotas, ocorria uma revolução silenciosa. Aumentou o número de afrodescendentes nas universidades de 2001 para 2003, de 750 mil para um milhão em dois anos. Foi um aumento. Acho que as cotas têm mérito de olhar para a questão da desigualdade racial que, tal como a nossa desigualdade em geral, ela - é retórica de democracia racial mas não acho que seja a melhor forma de combater. Acho que se você tiver uma boa política para os pobres, os afrodescendentes vão e devem ser os primeiros da fila. Ou seja, o princípio de primeiro os mais pobres serve em particular aos afrodescendentes.

OP - De todas as pesquisas que o senhor fez, qual a que mais gostou? Com qual mais se envolveu?

Marcelo Neri - É difícil dizer. A atividade de pesquisa é apaixonante. Gostei muito de fazer essa pesquisa recente sobre os casamentos. É uma pesquisa que segue uma linha mais de olhar para a sociedade de uma maneira diferente do que a gente vinha olhando. Acho que inclusão digital é uma política importante porque olha para o futuro etc, assim como políticas de combate à pobreza. Atualmente, pesquisas mais ligadas a comportamentos, que são pouco usuais na análise dos economistas aqui no Brasil, são o que mais me fascina hoje. O mais interessante é na verdade ficar debruçado sobre as novas tendências da sociedade brasileira. É como se fosse um caminho e o aspecto mais gratificante na pesquisa é quando você passa por lugares que você nem imaginava, passa por realidades, enxerga coisas que surpreende as suas idéias iniciais. Acho que esse é o aspecto mais interessante da atividade de pesquisa.

OP - Como o senhor vê a atual crise política no Brasil?

Marcelo Neri - Acho que é bastante preocupante. Se há cinco anos alguém falasse: o Lula vai ser presidente, a política econômica vai ser essa que aí está, os resultados econômicos que começam a ser colhidos são esses, ninguém acreditaria. Você tem lá o Lula com essa taxa de juros (19,75%) mas com crescimento de emprego formal de 1,5 milhão por ano. É uma situação muito surpreendente e todos esses problemas que têm surgido são também bastante surpreendentes à luz do que se poderia esperar. Acho que isso reflete o Brasil, eterno gerador de surpresas. Acho que o Brasil é isso: esse país que no começo do ano era uma coisa, hoje é outra. É uma situação muito preocupante mas vamos torcer para as que as coisas caminhem para um lugar melhor.

OP - O senhor tem idéia do que possa acontecer?

Marcelo Neri - Acho que se dissesse que tinha uma idéia seria uma idéia profundamente errada. Quando a gente acha que as coisas começam a se assentar, a entrar num ritmo de marasmo, vêm novos fatos etc. Acho que na verdade toda essa crise mostra a importância de se investir em instituições mais sólidas. Acho que talvez esse seja o grande aspecto a ser buscado agora. Talvez seja um teste às instituições brasileiras. É preciso que o Brasil passe nesse teste.

OP - O senhor acha que o governo do presidente Lula acabou?

Marcelo Neri - Não. Acho que tem mais um ano e três meses de governo. Outros eventos vão acontecer e pode ser que até piore. Tomara que melhore o Brasil. Acho que tudo depende também da humildade, da capacidade de olhar para a

situação e tentar melhorar. Acho que realmente se perder esse sentido, aí talvez tenha acabado. Espero que isso não seja verdade porque o que está em jogo não são disputas políticas, mas é o presente.

OP - Que mudanças o senhor defende na economia?

Marcelo Neri - Acho que as taxas de juros estão muito altas. De toda essa discussão sobre déficit nominal zero, que não emplacou até por conta do ambiente, acho que o importante é gerar um choque de gestão. O que acho que era importante era o Brasil adotar metas sociais a exemplo do que faz em relação a metas de inflacionárias. Essa é uma agenda que já defendo há muitos anos. O que proporia, ao invés de simplesmente desvincular gastos sociais, seria condicionar a de

 [imprima esta notícia](#)  [envie esta notícia](#)

Leia mais sobre esse assunto

12/09/2005 03:46:53 - [Perfil](#)



noolhar

[Política de Privacidade](#) [Aviso Legal](#) [Publicidade Online](#) [Faça desta sua Home](#) [Contato](#)

© Copyright 2001 **Noolhar.com** Todos os direitos reservados

Pro